

O CONHECIMENTO DE ADOLESCENTES ESCOLARES SOBRE OS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS: DESAFIOS

Schooling age adolescents' knowledge concerning contraceptive methods: challenges

El conocimiento de los adolescentes escolares sobre los métodos anticonceptivos: desafíos

Ediane de Andrade Ferreira¹; Valdecyr Herdy Alves²; Audrey Vidal Pereira³; Diego Pereira Rodrigues^{4}; Vilma Maria da Costa Brito⁵; Nádia Cecília Barros Tostes⁶*

Como citar este artigo:

Ferreira EA, Alves VH, Pereira AV, *et al.* O Conhecimento de Adolescentes Escolares sobre os Métodos Contraceptivos: Desafios. *Rev Fun Care Online*. 2020. jan./dez.;12:1316-1321. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.9604>

ABSTRACT

Objective: The study's main purpose has been to investigate the schooling age adolescents' knowledge in regards to contraceptive methods. **Methods:** It is a descriptive-exploratory study with a qualitative approach, which was performed with forty-six adolescents from three public schools in the Macapá city, Capital of the Amapá State. Data collection took place through interviews performed with the authorization of the respective parents, later transcribed and processed according to thematic content analysis. **Results:** It was observed that the adolescents' knowledge regarding contraceptive methods is based on the educational activities carried out by the Health at School Program, addressing mainly male condoms, contraceptive pills and intrauterine devices. **Conclusion:** It is necessary to expand strategic actions towards ensuring comprehensive and qualified care for young people and adolescents, targeting both the promotion and prevention of sexual and reproductive health issues.

Descriptors: Adolescents, Sexual and reproductive health, Contraceptives, Health education.

¹ Mestre em Saúde Materno-infantil. Professora Assistente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Amapá, Brasil. Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Brazil.

² Doutor em Enfermagem. Professor Titular da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense, Brasil. Universidade Federal Fluminense (UFF), Brazil.

³ Doutor em Saúde Pública. Professor Adjunto da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense, Brasil. Universidade Federal Fluminense (UFF), Brazil.

⁴ Doutor em Enfermagem. Professor Adjunto da Faculdade de Enfermagem, Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, Brasil. Universidade Federal do Pará (UFPA), Brazil.

⁵ Enfermeira obstétrica do Hospital da Mulher Mãe Luzia, Amapá, Brasil. Hospital da Mulher Mãe Luzia, Amapá, Brazil.

⁶ Mestre em Ciências da Saúde. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal do Amapá, Brasil. Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Brazil.

RESUMO

Objetivo: Analisar o conhecimento de adolescentes escolares sobre os métodos contraceptivos. **Método:** estudo descritivo e exploratório, de natureza qualitativa, realizado com quarenta e seis adolescentes em três escolas públicas do município de Macapá, capital do Estado do Amapá. A coleta de dados ocorreu através de entrevistas realizadas com a autorização dos respectivos responsáveis, posteriormente transcritos e submetidos à análise de conteúdo na modalidade temática. **Resultados:** observou que o conhecimento dos adolescentes quanto aos métodos contraceptivos se baseia nas atividades educativas realizadas pelo Programa Saúde na Escola, principalmente a camisinha masculina, a pílula de emergência e o dispositivo intra-uterino. **Conclusão:** há necessidade de ampliação de ações estratégicas para a garantia de um cuidado integral e qualificado com jovens e adolescentes para a promoção e prevenção de agravos na saúde sexual e reprodutiva.

Descritores: Adolescentes, Saúde sexual e reprodutiva, Anticoncepcionais, Educação em saúde.

RESUMEN

Objetivo: Analizar el conocimiento de los adolescentes escolares sobre los métodos anticonceptivos. **Método:** estudio descriptivo y exploratorio de carácter cualitativo, realizado con cuarenta y seis adolescentes en tres escuelas públicas en la ciudad de Macapá, capital del Estado de Amapá. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas realizadas con la autorización de los respectivos responsables, posteriormente transcritas y sometidas a análisis de contenido en la modalidad temática. **Resultados:** observó que el conocimiento de los adolescentes sobre los métodos anticonceptivos se basa en las actividades educativas llevadas a cabo por el Programa Salud en la Escuela, principalmente el condón masculino, la píldora de emergencia y el dispositivo intrauterino. **Conclusión:** es necesario ampliar las acciones estratégicas para garantizar una atención integral y calificada con jóvenes y adolescentes, para la promoción y prevención de problemas de salud sexual y reproductiva.

Descriptorios: Adolescentes, Salud sexual y reproductiva, Anticoncepción, Educación en salud.

INTRODUÇÃO

A descoberta da sexualidade durante a adolescência é um marco simbólico para a vida sexual, que pode ocorrer ainda quando o adolescente não tem esclarecimento/maturidade, principalmente quanto ao acesso de informação no campo dos direitos sexuais, visto que pode culminar em riscos a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), além de gravidezes não planejadas.¹ Assim, a população adolescente hoje se configura como um grupo sexualmente ativo e demanda cuidados preventivos com relação à saúde sexual e reprodutiva. Desse modo, a iniciação da atividade sexual do adolescente não pode decorrer da falta de informação atrelada à imaturidade do adolescente, principalmente aqueles com baixa escolaridade e vulnerabilidade econômica e social, provocando assim, possíveis agravos à sua saúde sexual e reprodutiva.²

Torna-se importante ao adolescente que lhe seja garantido o direito ao acesso a informações, educação e aos métodos contraceptivos, bem como à participação

ativa na escolha do método de proteção, sendo garantido o acesso desses jovens ao Sistema Único de Saúde (SUS) para orientação de tais medidas. Inclusive, está orientado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que os governos estruturarem atendimento de qualidade a essa população.³ Há uma necessidade cada vez mais crescente dos aspectos informativos e educativos, e o espaço escolar se configura como um meio para a execução de atividades para a garantia aos adolescentes do direito a uma sexualidade segura.

Nesse sentido, abordar temas que envolvam a sexualidade em ambiente escolar não é prática nova. Pois desde a década de 1960 já existiam propostas governamentais que versavam sobre o tema, mas restritos a aspectos biológicos, morais e religiosos. A partir da década de 1990 o tema ganha força com a adesão do país a documentos internacionais de direitos das mulheres e jovens, com a Constituição Federal de 1988, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1996 e com as campanhas para prevenção de HIV/AIDS (Acquired Immunodeficiency Syndrome/Vírus da Imunodeficiência Humana). Em 1997 são publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que propõem a inclusão do termo “orientação sexual” como tema transversal, e corpo, relações de gênero e prevenção às IST/AIDS como eixos conceituais.⁴

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publica em 2010 a Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade, e a Representação da UNESCO no Brasil em 2015 publica as Orientações Técnicas de Educação em Sexualidade para o Cenário Brasileiro. Na publicação da UNESCO definiu-se a educação em sexualidade como: uma abordagem apropriada para a idade e culturalmente relevante ao ensino sobre sexo e relacionamentos, fornecendo informações cientificamente corretas, realistas, e sem pré-julgamentos.⁵

Sabe-se que a sexualidade é parte integral do desenvolvimento humano, sendo de fundamental importância o apoio ao adolescente no esclarecimento de possíveis dúvidas. Assim, a escola tem um papel importante na formação do indivíduo e representa um espaço propício para trabalhar competências, conhecimentos e mudanças de comportamentos, uma vez que é o lugar onde o adolescente permanece o maior tempo de seu dia, e constitui um espaço para troca e compartilhamentos.⁶

Desse modo, tendo em vista a relevância da temática, e a importância do conhecimento sobre os métodos contraceptivos, pois permite ser aliado ao processo informativo e educativo para a prevenção de agravos na saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. Assim, o estudo objetivou analisar o conhecimento de adolescentes escolares sobre os métodos contraceptivos.

MÉTODOS

Estudo descritivo, exploratório, de natureza qualitativa,

realizado em três escolas estaduais de ensino médio situadas no município de Macapá, Estado do Amapá, Brasil.

A escolha dos locais ocorreu por meio de processo aleatório simples, obtendo-se uma escola por região, a saber: Escola Estadual Professora Sebastiana Lenir de Almeida (Região Sul); Escola Estadual Professor Alexandre Vaz Tavares (Região Central); Escola Estadual Professora Maria Ivone de Menezes (Região Norte).

Os participantes do estudo foram quarenta e seis (46) estudantes que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: estar na faixa etária de 13 a 18 anos de idade; estar matriculado regularmente na rede estadual de ensino. E tendo como critério de exclusão: adolescentes com algum problema de ordem física, emocional ou psicológica que comprometesse a sua participação.

Foi aplicado como instrumento a entrevista semiestruturada, que ocorreu no período de agosto a dezembro de 2016, retratou sobre o conhecimento dos métodos contraceptivos, ocorreu em ambiente privado garantindo a privacidade do participante, e tendo cada entrevista a duração de 20 minutos, em média. E, a partir da trigésima oitava entrevista, atentou-se para a repetição quanto aos temas dos depoimentos, observando a saturação dos dados;⁷ mas foi aplicado mais oito entrevistas totalizando quarenta e oito.

Os depoimentos foram coletados por meio de aparelho digital, transcritos na íntegra e submetidos à análise de conteúdo na modalidade temática.⁷ Os participantes foram identificados como 'adolescentes' e receberam um código alfanumérico sequencial (A1, A2, ...A46) para assegurar o sigilo e o anonimato do respectivo depoimento. Foi utilizada a unidade de registro a partir da temática como estratégia de organização do conteúdo das entrevistas.

A estratégia de seleção de cores distintas permitiu identificar cada unidade e agrupá-las, possibilitando uma visão geral da temática, originando as seguintes unidades de registro: família no processo de informação do contraceptivo; a palestra e a aula como expositoras do contraceptivo; conhecimentos sobre os métodos contraceptivos; vantagens e desvantagens dos métodos. Essas unidades fundamentaram a construção da unidade temática Saúde Reprodutiva: Contraceptivos no cotidiano da adolescência, que originou a seguinte categoria temática: A expressão de adolescentes sobre métodos contraceptivos: um desafio para os serviços de saúde.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP) da Universidade Federal Fluminense (UFF), sob o protocolo nº 1.349.794/2015, conforme dispõe a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Para concretizar a participação, todos os adolescentes assinaram o Termo de Assentimento Informado, complementando com a autorização dos respectivos responsáveis e/ou representantes legais que assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto ao perfil dos participantes, eram do gênero feminino, se enquadravam na faixa etária de 13 a 18 anos de idade, mas com a maioria entre 13 a 15 anos, com ensino fundamental incompleto, e moradia com o pai e/ou com a mãe. Houve predominância da etnia autodeclarada parda, negra e indígena dos participantes. Quanto a religião a maioria era católica ou protestante, mas não praticante. A maioria tinha apenas atividades escolares como forma de ocupação.

Quanto ao relacionamento, todos os adolescentes afirmavam que eram solteiros, com vida sexual ativa.

A expressão de adolescentes sobre métodos contraceptivos: um desafio para os serviços de saúde

Durante as entrevistas, percebeu-se nos depoimentos que a presença de integrantes das equipes de saúde (enfermeiras e agentes de saúde) era constante no ambiente escolar, e relacionadas com a realização das palestras educativas sobre métodos contraceptivos e prevenção de IST, entre outros componentes do Programa Saúde na Escola. Assim, entende-se que estão sendo cumpridas as atividades propostas pela parceria entre saúde e educação, conforme os depoimentos a seguir:

Foram muitas palestras aqui na escola que já teve, sobre o uso de preservativos e outros métodos. Foi o pessoal do posto de saúde.” BLUE, 17 anos. (A3)

*Na escola e quando as pessoas da saúde vêm fazer palestras e campanhas também que eu vejo por aí. (A16)
Na escola, com as pessoas que vêm do posto médico. (A24)*

Na escola, na aula de Ciências. Também teve uma palestra, mas eu não entendi direito. Na escola sempre tem palestras na aula de Ciências. (A31)

As declarações dos participantes a respeito do apoio de seus familiares e/ou responsáveis em suas construções sobre sexualidade e saúde reprodutiva foram bastante evidentes, e demonstraram que já existe maior liberdade por parte de algumas famílias, embora ainda persista a repressão por parte de outras no grupo analisado:

A minha mãe me ensinou a partir do momento que ela me liberou para mim namorar, ela falou se eu queria tomar remédio e a gente foi na farmácia e ela me mostrou vários outros métodos para não engravidar, no caso a camisinha, é isso. (A27)

Minha mãe sempre foi muito aberta comigo em relação a isso, ela nunca quis me esconder nada, quando eu peguei

uma idade ela conversou comigo e me explicou, o que era e o que a gente usava a camisinha, no caso. Eu sempre fui muito mais aberto com a minha mãe. (A35)

Já ouvi falar, mas acho que é um tema meio que polêmico de falar, muitos pais são contra isso, não sei por que, todo mundo faz entre aspas, aí não tem a pretensão de falar, acho que é isso. (A40)

Outro aspecto importante foi sobre quais os métodos contraceptivos reconhecidos pelos adolescentes, independente da sua utilização ou não. Seguem abaixo alguns depoimentos:

Bom, eu conheço alguns, só que eu não sei digamos os nomes, conheço a camisinha, tem as pílulas contraceptivas e só. O único que eu conheço acho que foi o DIU. Bom, como eu não tenho uma vida sexual, eu não me foquei bastante para saber essas coisas. (A1)

A pílula do dia seguinte, uma muito importante é a camisinha e as injeções. (A13)

Eu não sou muito de conhecer os métodos. Mas como todo mundo fala mais conhecida como a pílula do dia seguinte, é a pílula que todo mundo diz que após manter a relação sexual, esperar o momento de 24 horas para tomar a pílula contraceptiva para não engravidar. (A19)

Considerando a regionalidade macapaense, também é importante relatar o conhecimento local sobre métodos alternativos utilizados, como os chás que foram mencionados por dois participantes quando relataram experiências vividas em sua comunidade e famílias, conforme os depoimentos:

No interior onde meu pai mora, no nosso terreno, as mulheres de lá têm vários tipos de chá, que a pessoa toma e pode estar em qualquer mês e a pessoa perde o filho e um desses chás que é horrível da folha da maconha, não sei que chá é esse, eu sei que no interior existem vários métodos, e um dos que eu conheço é esse do chá. (A7)

Já ouvi também falar sobre chás e essas coisas, é um nome que deram a um chá, chá antifilho, algo assim, falaram que ele evita o filho, a minha prima toma, ela diz que faz efeito, mas eu não acredito não. (A16)

A partir dos conhecimentos dos participantes sobre os métodos contraceptivos disponíveis no mercado, procurou-se obter os seus entendimentos a respeito das vantagens dos mesmos, conforme identificamos nos depoimentos a seguir:

Eu acho que eu usaria a do dia seguinte, pelo fato dela ser

99,9% segura. (A2)

Para mim, a vantagem é mais o preservativo, porque ele é mais seguro. Remédio também é assim não é? Esse negócio da injeção também para a pessoa não engravidar também. (A18)

Eu conheço, por exemplo, aquela garota que fez sexo que ela tem 15 ou 14 anos, pra ela como ela tem uma juventude uma vida a seguir eu acho que uma pílula pra evitar a gravidez seria bom pra ela poder conseguir concluir a etapa da vida dela. (A25)

A parceria entre saúde e educação, além da ampla divulgação dos serviços e a garantia do acesso adequado dos adolescentes às unidades básicas de saúde, a saúde sexual e reprodutiva tornasse uma possibilidade de educação em saúde. E ampliar as ações em educação relacionadas à saúde sexual e saúde reprodutiva torna-se essencial para garantir o acesso dos adolescentes aos serviços e aos insumos, pois constitui-se como um compromisso do Ministério da Saúde (MS) na implementação de políticas públicas que fortaleçam a capacidade de adolescentes e jovens a vivenciem plenamente a sua sexualidade com liberdade, responsabilidade e respeito.⁸

Neste sentido, os depoimentos reafirmam tais posicionamentos e torna-se essencial essa articulação com a escola e os profissionais de saúde, principalmente para realizar estratégias educativas com os adolescentes, fornecendo informação e discussão sobre a saúde sexual e reprodutiva, bem como a oferta dos métodos contraceptivos. Devendo utilizar distintas abordagens, seja de forma individual ou em grupo, com o objetivo de debater acerca da temática e orientar para escolhas sexualmente saudáveis. Assim, o debate sobre os direitos sexuais e reprodutivos está inserido em uma das áreas de atuação prioritárias da atenção básica em saúde, que é a saúde sexual e reprodutiva, e a escola permite uma maior captação dos profissionais de saúde para exercerem suas atividades educativas e garantirem uma melhor orientação e acompanhamento dos adolescentes.⁹

Foi consideravelmente maior o quantitativo de pais e/ou responsáveis que, segundo os alunos, apresentaram uma abordagem mais repressora quando perguntados sobre sexualidade. Nesse contexto, foram compiladas várias falas dos pais e/ou responsáveis que levaram orientação ou informação de modo a apoiar a construção do conhecimento desse grupo sobre saúde sexual e reprodutiva, e mesmo aqueles que pelo menos relataram escutar seus filhos e também apresentaram o discurso de caráter biológico e de risco. Parece ser uma postura comum entre pais e/ou responsáveis, professores e profissionais de saúde abordar essa temática mantendo o foco no biológico, não fortalecendo a compreensão do subjetivo, do desejo, do

empoderamento e da autonomia juvenil.

Nesse tocante, os pais e/ou responsáveis sentem dificuldades em abordar naturalmente a temática da sexualidade com os seus filhos, passando a responsabilidade primordial para a escola e, dessa forma, eximindo-se do papel de também educadores. Entretanto, nem sempre a instituição está preparada para assumir a demanda, deixando os adolescentes despreparados e vulneráveis às opiniões de amigos e aos meios de comunicação.¹⁰ Dessa forma, deixam de ser abordadas questões a respeito da afetividade, as relações, a autonomia e a independência de escolhas nos relacionamentos, favorecendo assim o próprio reconhecimento social e cultural. Destarte, a abordagem apenas do aspecto biológico traz uma redução da sexualidade do adolescente, que não recebe a orientação adequada e o permite obter em meios às vezes inadequados, promovendo uma sexualidade não saudável.

Ao analisar todas as respostas dos adolescentes, foi possível observar que a maioria tem conhecimento dos métodos contraceptivos, porém, os três mais citados foram: preservativo, anticoncepcional (comprimido ou injetável), sendo que dentre os comprimidos, a pílula do dia seguinte foi a mais citada. Nesse sentido, esses achados são similares a outros estudos, onde identificou-se a utilização do preservativo, do anticoncepcional oral e do injetável como os mais comuns entre os adolescentes. Ressalta-se que, apesar desse conhecimento, há uma necessidade cada vez mais crescente de avaliar se tais métodos estão sendo utilizados de maneira correta. Assim, somente a informação não é suficiente para a mudança dessa realidade, tornando-se essencial conhecer o que os adolescentes pensam e sabem.¹¹

Levando em conta as informações provenientes dos veículos de comunicação, das escolas, dos serviços de saúde e das relações sociais que tais adolescentes vivenciam, é relevante pensar que estes possuem um acervo adequado de informações dos serviços e dos insumos, porém, o exercício da autonomia sobre seus corpos, pensamentos construídos e firmados através de suas vivências ainda é subestimado pelas famílias e até mesmo pelas escolas e serviços de saúde. É preciso fomentar estratégias para a sua garantia.

Tem-se no Amapá uma realidade diferenciada de outras regiões brasileiras, devido às culturas indígena e quilombola, sendo comum a ingestão de chás entre as mulheres. A ingestão dos “chás antifilho” ocorre de forma desinformada e perigosa. Nas unidades hospitalares é comum mulheres internadas por abortamento que informam ter utilizado chás com a intenção de interromper a gestação. Dessa forma, as adolescentes, por uma questão cultural da regionalidade podem contribuir para um maior risco à sua saúde com a utilização de chás que ocasionam o abortamento. Assim, a orientação a esse público torna-se cada vez mais necessária, bem como a promoção de políticas públicas para a garantia de insumos e orientações, em especial para indígenas e quilombolas.

A OMS aponta que a utilização adequada da contracepção de emergência em adolescentes deve ser orientada para que seja feita de maneira segura e eficaz. Oferecendo uma elevada segurança devido às baixas doses hormonais e utilizadas por um curto tempo de tratamento. Assim, o risco desse método é pequeno e, portanto, a sua utilização deve ser implementada com adolescentes, mas com a ressalva de que não deve ser utilizado como rotina, mas em caso de emergência e após atividade sexual desprotegida.¹²

O preservativo apresenta inúmeras vantagens, sendo o único método que oferece dupla proteção, ou seja, é comprovadamente eficaz contra a gravidez e contra as IST, claro que se usado de maneira correta e constante durante as relações sexuais. Desse modo, a sua eficiência quando utilizado de forma correta ultrapassa 85%, não interfere no ciclo menstrual, permite que ambos decidam sobre a responsabilidade da contracepção, além de ser distribuído gratuitamente. Assim, constitui-se como o principal método contraceptivo utilizado pelos adolescentes.¹³

Nesse contexto, as estratégias de educação em saúde devem favorecer a interação do educador com o educando mediante a realização de dinâmicas de grupo, com vistas à aprendizagem compartilhada e à formulação coletiva do conhecimento, buscando, também, a aquisição da autonomia pelos adolescentes no cuidado de sua saúde física, mental e emocional.¹⁴ E o profissional de saúde torna-se um importante elemento nessa relação de mediador para fornecer orientações qualificadas para a saúde sexual e reprodutiva.

Assim, destacamos a política intersetorial do MS e do Ministério da Educação com o Programa Saúde nas Escolas (PSE), instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 2007. Desse modo, “o programa é estruturado desde a avaliação das condições de saúde da população escolar, promoção de práticas em saúde e prevenção de doenças, até a capacitação continuada de educadores e profissionais da saúde, além do monitoramento das ações do programa, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de todos os segmentos populacionais que frequentam a rede escolar pública”.¹⁵ O PSE deve ser um alicerce para a promoção da qualidade de ações estratégicas para a saúde sexual e reprodutiva de adolescentes, prevenindo agravos à sua saúde e gravidez na adolescência; além de trocas de experiências para buscar a autonomia e contribuir com os aspectos emocionais, sociais e culturais da sua sexualidade.¹⁶

Assim, com o processo construtivo dos direitos sexuais no espaço político dos direitos humanos e do paradigma dos adolescentes como sujeitos de direitos, prolongados pelo ECA, possibilitou-se aos adolescentes serem titulares de direitos sexuais.¹⁵ Desse modo, a garantia de uma saúde sexual e reprodutiva deve ser o objetivo da ação e das estratégias de educadores, profissionais de saúde e das políticas públicas brasileiras.

CONCLUSÕES

Os estudos sobre adolescentes e suas condições sociais, demográficas e biológicas, e em específico sobre a sexualidade, no campo da saúde reprodutiva e o conhecimento dos métodos contraceptivos são evidentes na realidade brasileira. Porém, considerando os tabus que ainda cercam a temática, é preciso enfrentar várias dificuldades na execução de pesquisas qualitativas nas escolas, ou mesmo envolvendo profissionais da saúde e da educação.

As pesquisas remetem à grandeza das pluralidades e especificidades das pessoas com suas culturas e oportunidades de acesso, e a partir dos produtos finais obtidos pode ser possível desvelar novos comportamentos e compreensões a respeito da saúde sexual e reprodutiva de jovens e adolescentes. Tais resultados permeiam novos caminhos que automaticamente fortalecem as políticas públicas.

O conhecimento dos adolescentes sobre os métodos contraceptivos foi amplo, porém, referindo-se apenas aos seguintes métodos: o preservativo, os anticoncepcionais hormonais (oral e injetável), além da concepção de emergência. Entende-se a necessidade de ampliação de ações e de oferta de insumos dos distintos métodos contraceptivos para esse público, bem como a descrição das vantagens de tais métodos, auxiliando a escolha e utilização.

Desse modo, a abordagem da saúde sexual e reprodutiva deve estar na linha de aprendizado nas escolas, como também nas ações dos profissionais de saúde com o foco na promoção de saúde e na prevenção de danos à saúde dos adolescentes. Sendo assim, é essencial a atuação dentro do contexto escolar para a garantia de um cuidado integral e qualificado com jovens e adolescentes.

REFERÊNCIAS

1. Ribeiro WA, Andrade M, Fassarella BPA, Lima JC, Sousa MOSS, Fonseca CSG. A gravidez na adolescência e métodos contraceptivos: a gestação e o impacto do conhecimento. *Nursing (São Paulo)*. [Internet]. 2019 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 22(253). Disponível em: <http://www.revistanursing.com.br/revistas/253/pg98.pdf>
2. Araújo AKL, Nery IS. Conhecimento sobre contracepção e fatores associados ao planejamento de gravidez na adolescência. *Cogitare enferm.* [Internet]. 2018 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 23(2). Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/ce/v23n2/1414-8536-ce-23-2-e55841.pdf>
3. Cardoso LCS, Bendl AL, Santos LTV, Lima BLO, Einloft M, Souza A. A utilização de contraceptivos hormonais por adolescentes e potenciais riscos para a saúde. *Clin. biomed. res.* [Internet]. 2019 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 39(1). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/hcpa/article/view/85153/pdf>
4. Domingues E, Libonni MTL, Conde AFC, Toporowicz A, Melo DN, Bazzoti DS, Bergamaschi ES, Santos GL. Oficinas com adolescentes do MST: sexualidade, diversidade sexual e gênero. *Pesqui. prá. psicossociais.* [Internet]. 2018 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 13(3). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v13n3/09.pdf>
5. Dias EG, Jorge SA, Alves BVC, Alves JCS. Conhecimento e comportamentos dos adolescentes de uma escola pública sobre sexualidade e métodos contraceptivos. *Rev. baiana saúde pública.* [Internet]. 2017 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 41(1). Disponível em: <http://rbps.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/2408/2183>
6. Nascimento LCN, Souza TV, Oliveira ICS, Moraes JRMM, Aguiar RCB, Silva LF. Saturação teórica em pesquisa qualitativa: relato

- de experiência na entrevista com escolares. *Rev. bras. enferm.* [Internet]. 2018 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 71(1). Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reben/v71n1/pt_0034-7167-reben-71-01-0228.pdf
7. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 LDA; 2011.
 8. Ministério da Saúde (BR). *Saúde sexual e saúde reprodutiva: um direito de adolescentes: guia para UBS e ESF* [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2011 [acesso em 05 de dezembro 2019]. Disponível em: http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Guia_FundoNacionaldeSaude_2011_amostra2.pdf
 9. Souza LM, Morais RLGL, Oliveira JS. Direitos sexuais e reprodutivos: influências dos materiais educativos impressos no processo de educação em sexualidade. *Saúde debate.* [Internet]. 2015 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 39(106). Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sdeb/2015.v39n106/683-693/pt>
 10. Freire AKS, Melo MCP, Vieira MP, Gomes IM, Gomes JL, Ribamar DS, et al. Aspectos psicossociais da sexualidade na adolescência: diálogos e aprendizagem na escola. *Semina.* [Internet]. 2017 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 38(1). Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminario/article/view/26736/22629>
 11. Molina MCC, Stoppiglia PGS, Martins CBG, Alencastro LCS. Conhecimento de adolescentes do ensino médio quanto aos métodos contraceptivos. *Mundo saúde.* [Internet]. 2015 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 39(1). Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/periodicos/mundo_saude_artigos/Conhecimento_adolescentes_ensino.pdf
 12. Pereira SM. Rompendo preconceito sobre a utilização da anticoncepção de emergência para as adolescentes. *Adolesc. Saúde (Online).* [Internet]. 2010 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 7(1). Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v7n1a06.pdf>
 13. Godoi AML, Brêtas JRS. A prática do sexo seguro no cotidiano de adolescentes. *Rev. Soc. Bras. Enferm. Pediatras (Online).* [Internet]. 2015 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 15(2). Disponível em: https://sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol15-n2/vol_15_n_2-artigo-de-pesquisa-5.pdf
 14. Dias FLA, Silva KL, Vieira NFC, Pinheiro PNC, Maia CC. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. *Rev. enferm. UERJ.* [Internet]. 2010 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 18(3). Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a21.pdf>
 15. Higa EFR, Bertolin FH, Maringolo LF, Ribeiro TFSA, Ferreira LHK, Oliveira VASC. A intersectorialidade como estratégia para promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. *Interface comun. saúde educ.* [Internet]. 2015 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 19(supl. 1). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v19s1/1807-5762-icse-19-s1-0879.pdf>
 16. Leite V. A sexualidade adolescente a partir de percepções de formuladores de políticas públicas: refletindo o ideário dos adolescentes sujeitos de direitos. *Psic. clin.* [Internet]. 2012 [acesso em 05 de dezembro 2019]; 24(1). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v24n1/07.pdf>

Recebido em: 12/12/2020

Revisões requeridas: 28/07/2020

Aprovado em: 02/09/2020

Publicado em: 13/11/2020

***Autor Correspondente:**

Diego Pereira Rodrigues

Rua Desembargador Leopoldo Muylaert, nº 307

Piratininga, Niterói, RJ, Brasil

E-mail: diego.pereira.rodrigues@gmail.com

CEP: 24.350-450